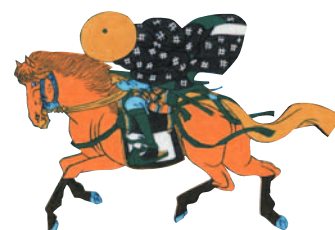
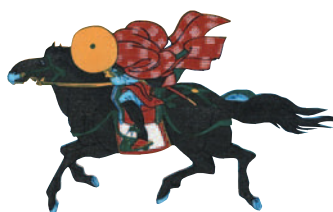




A Lady's Visit to Manilla and Japan Representações Interculturais na Viagem ao Oriente

Clara Sarmento*



INTRODUÇÃO

Numa primeira abordagem a *A Lady's Visit to Manilla and Japan*,¹ de Anna D'Almeida (ou Anna D'A.), os leitores não deverão esperar encontrar a narrativa de uma experiência que poderia ter sido produzida por um desses “*Etonnants voyageurs! Quelles nobles histoires / Nous lisons dans vos yeux profonds comme les mers.*”², citando o último poema de *Les Fleurs du Mal* de Baudelaire. Nem tão-pouco deverão esperar ser confrontados com o relato superficial de uma turista indolente, sobre a diversão convencional e o previsível choque moral experimentados durante as várias etapas do seu *grand tour*, tão característicos deste tipo de literatura, particularmente popular no âmbito do turismo emergente de finais do século XIX. Neste artigo, proponho-me analisar a escrita feminina ocidental no contexto dos encontros culturais, mais precisamente, as imagens que uma viajante ocidental do século XIX

cria a partir da sua breve exposição a vários espaços e práticas da Ásia.

O conceito ocidental de ‘oriental’, conforme descrito por Edward Said – mais evidente em romances e relatos de viagens – pode ser encontrado ocasionalmente nas noções pré-concebidas e nas descrições imediatas do Extremo Oriente de Anna D'Almeida. Este conceito ocidental do ‘eternamente oriental’ tende a ser inflexível, invariável e estático, tal como o é a essência do indivíduo oriental, quando retratado através de estereótipos. A perpetuação destas imagens na literatura popular e no discurso político ocidental é uma manifestação da teoria de Said, que defende que os sujeitos dominados nunca falam sobre eles mesmos, as suas verdadeiras emoções, desejos ou histórias, e precisam de ser representados por alguém ‘civilizado’, que falará em seu nome.

Ao estudar um viajante ocidental do sexo feminino, as suas representações e percepções, traço os diferentes padrões utilizados para descrever o ‘outro’, neste caso, a cultura asiática e os seus actores sociais. O estudo desta representação ocidental feminina da cultura do Extremo Oriente revela um processo multifacetado de formulação de imagens, cuja concepção gira em torno de noções de género, classe, religião e valorização cultural, contribuindo assim para a criação de uma imagem comumente partilhada do Extremo Oriente e dos seus habitantes. Ao estudar as percepções que estruturam esta e outras narrativas,

* Doutorada em Cultura Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Professora Adjunta no Instituto Superior de Contabilidade e Administração, do Instituto Politécnico do Porto, cujo Centro de Estudos Interculturais dirige e onde desenvolve investigação na área das representações interculturais de género. “Visiting Scholar” na Brown University em 1996. Diversos livros, artigos e conferências sobre Literatura e Cultura Portuguesa e Anglo-Americana, Etnografia e Estudos Culturais e de Género.

The author holds a Ph.D. in Portuguese Culture, from the University of Oporto. She is conducting her post-doctoral research on intercultural gender representations, as the coordinator of the Centre for Intercultural Studies, at the Polytechnic Institute of Oporto, where she holds her teaching position. Visiting Scholar at Brown University in 1996. Several conferences, books and articles on Portuguese and Anglo-American Literature and Culture, Ethnography, Gender and Cultural Studies.

LITERATURA

podemos concluir que essas imagens consistem em vários elementos contraditórios.

Com este estudo de *A Lady's Visit to Manilla and Japan* tenciono contribuir para a compreensão das complexidades que existem dentro de / entre as histórias, experiências e actividades interculturais de mulheres, e como estas alargam o âmbito do estudo dos sistemas sociais e culturais. Ao examinar as diferenças e semelhanças de género, podemos elaborar construções teóricas sobre a influência da classe, raça, etnia e religião nas representações interculturais, e sobre a forma como entendemos a posição da mulher na cultura e na sociedade. O preconceito de classe da elite ocidental considera a mulher não-ocidental como alguém que representa tudo aquilo que o escritor ocasional não é. A questão da representação feminina das suas congéneres como ‘mulheres-outras’, com base numa ampla variedade de diferenças, é definitivamente um desafio para os estudos interculturais e de género contemporâneos.

VIAGEM E BIOGRAFIA

A família D’Almeida – Anna, seu marido William Barrington D’Almeida e sua filha Rose – viajaram pelo Extremo Oriente entre Março e Julho de 1862. O título *A Lady's Visit to Manilla and Japan* induz em erro, pois Anna visitou muito mais do que apenas Manila e o Japão. A sua narrativa começa em Singapura e termina em Hong Kong, mas a família visitou também Macau, Xangai, Nagasáqui, Yokohama, Xiamen (Hokkien) e Cantão, entre outros lugares, atestando assim o profundo desejo dos D’Almeida de explorar *in loco* todas as potencialidades dos países visitados. Nas Filipinas, os D’Almeida e o seu grupo viajam de Manila até à Laguna de Bay, que atravessam em canoas nativas, parando nas aldeias de São Pedro de Binhan, Calamba, Santa Rosa, Pueplo e Cabujão. À medida que viajam para sul de Manila, também visitam o lago e o vulcão de Taal, e as montanhas de Maculot e Sungal. Fazem frequentes excursões de pesca em Macau; viajam de Hong Kong para Xangai no *S.S. Pekin*, um vapor da P&O (Peninsular e Oriental), numa viagem de quatro dias pelo estreito de Taiwan e o mar da China Oriental, até à foz do Yangtze. Uma vez no Japão, Anna descreve um passeio por Kanazawa e Kamakura, perto da baía de Sagami, hoje em dia um destino de férias muito popular, com bonitas vistas do monte Fuji. Em

seguida, a família toma um navio de Nagasáqui para Yokohama, ao longo do Suonada ou mar interior, passam o estreito de Shimonoseki, efectuando paragens ilha após ilha até chegarem ao Pacífico, a caminho da baía de Edo, onde avistam o Fujiyama e, por fim, chegam a Yokohama. Para sua grande decepção, os D’Almeida são impedidos de visitar a vizinha capital Edo (Tóquio), devido à súbita doença do seu anfitrião local, o ministro britânico.

Na realidade, quando comparamos o título da narrativa a outros destinos descritos no livro, constatamos que estes ocupam muitas mais páginas do que o Japão, que é referido pela primeira vez no capítulo 8, de um total de 12 capítulos. No entanto, no Prefácio do livro, Anna apenas menciona o Japão:

“My little work which has no such ambitious aim, professes only to represent Japan and its people as they exist at the present moment. It contains an account of the various places which, during a cruise of some months in Japanese waters, I had the pleasure of visiting” [viii].

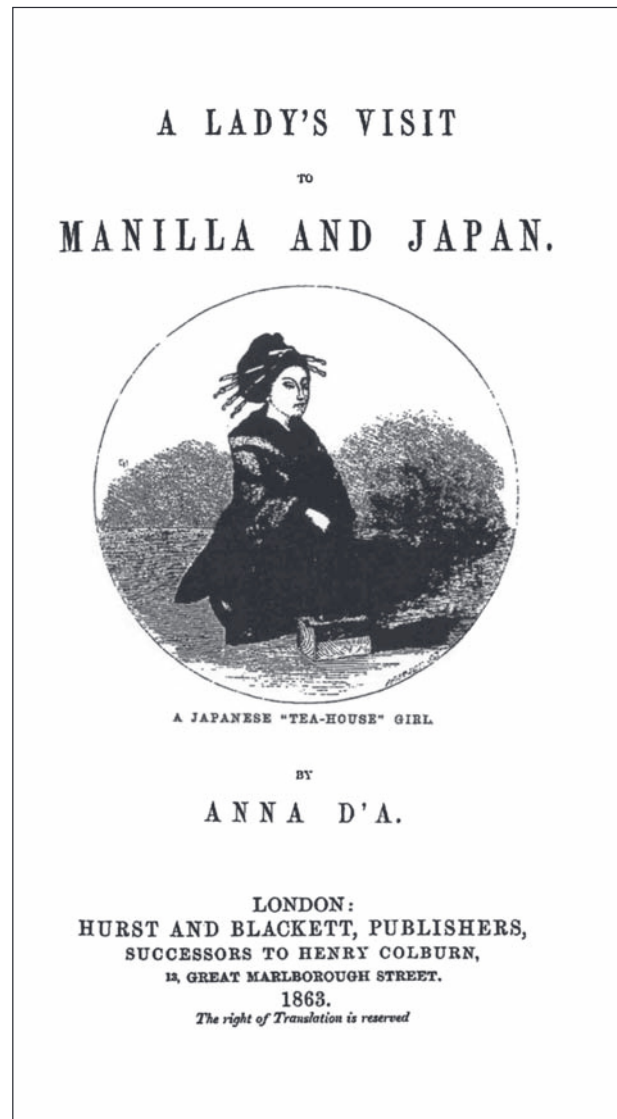
Os grandes progressos nas viagens a vapor verificados entre 1830 e 1850 não só reduziram em muito o tempo necessário à deslocação entre diferentes países como também proporcionaram algum conforto e segurança aos viajantes e reduziram a necessidade de um grande número de serviçais. O comentário sobre Manila é um dos poucos relatos em inglês da época, enquanto que o comentário sobre o Japão oferece uma visão pioneira de um país que, entre 1854 e 1859, acabara de reabrir os seus portos ao Ocidente. Com efeito, em 1845, o comodoro Perry havia alcançado um tratado histórico de paz e cooperação com o xógum, que abriu portas ao comércio entre a América e o Japão. Os portos de Shimoda e Hakodate foram abertos aos navios mercantes americanos e, em 1859, os portos de Yokohama e Nagasáqui abriram também a outros estrangeiros.² Uma vez que os portos japoneses haviam estado encerrados durante dois séculos, excepto para alguns comerciantes holandeses e chineses, existem poucas descrições deste país, na sua maioria livros de funcionários da Companhia Holandesa da Índias Orientais, que eram os únicos representantes do Ocidente com permissão para operar no Japão. Estes livros eram familiares aos leitores cultos e à maioria daqueles que visitaram o Japão depois de 1859.³ Desta data em diante, um número cada vez maior de turistas estrangeiros passou a viajar para o

LITERATURE

Japão, e tornou-se comum publicar algo sobre a visita a este paraíso remoto.⁴

Concentrar-me-ei aqui na análise do texto de *A Lady's Visit* e não na recepção que o livro teve aquando da sua publicação. Tal como a maioria das narrativas de viagens, *A Lady's Visit* de Anna D'Almeida procura documentar a experiência da autora durante um curto período de tempo, em vez de proceder a uma descrição científica da etnologia ou da história de um país, tal como ela afirma no Prefácio ao livro. As descrições de viagens a países remotos não eram naturalmente destinadas a uma leitura científica, eram antes relatos de experiências pessoais e deviam ser interpretadas como tal. Anna escreve sobre os sítios que visitou e as pessoas que conheceu durante as suas breves excursões, reflectindo assim a natureza externa dos contactos interculturais estabelecidos. A sua falta de conhecimento das línguas locais dificultou bastante a aquisição de informação credível sobre as diferentes sociedades e culturas, forçando-a a retirar conclusões daquilo que ouvia, lia ou via. No Japão, isso tornou-se ainda mais difícil pelo facto de as viagens ao interior do país estarem proibidas. As suas visitas restringiram-se assim aos poucos portos abertos aos ocidentais. Desta forma, os conhecimentos de Anna tinham que se basear mais nos escritos de anteriores visitantes, do que no seu próprio contacto com as populações locais.

Quem foi Anna D'Almeida, a viajante que publicou o seu trabalho sob o pseudónimo de Anna D'A., nunca mencionando o seu nome completo uma única vez ao longo das 297 páginas da narrativa? Tal como muitos visitantes ocidentais na Ásia – especialmente mulheres – os autores de livros de viagens ficaram na história como tendo publicado apenas um trabalho e é muito difícil encontrar informações biográficas sobre eles. Como alguns escritores usavam apenas a inicial do seu primeiro nome, até mesmo determinar o sexo destes autores semi-anónimos se torna, por vezes, difícil. No caso das mulheres viajantes, pouco ou nada se conhece das suas vidas; tudo o que resta é a própria literatura. Em *A Lady's Visit*, a pista inicial para a identidade da autora foi fornecida pela própria ficha bibliográfica. É evidente que os D'Almeida são uma família anglo-portuguesa por via masculina. A fervorosa protestante Anna adopta o nome português do marido, mas ignora a língua portuguesa e não demonstra qualquer simpatia pela religião católica. A imagem do frontispício oferece uma pista que liga a família a Bath, em Somerset: Anna



afirma que a imagem de "the bay and part of the town of Nagasaki [...] is from a sketch taken on the spot by my husband, and finished by Mr. Benjamin Barker, of Bath" [viii]. Posterior pesquisa geneológica em diversas bases de dados anglo-americanas permitiu desvendar por fim a biografia de Anna Harriette Pennington (D'Almeida).⁵

Nascida em 1836, em Whitehaven, Cumberland, Inglaterra, Anna foi uma dos oito filhos de Rowland e Georgiana (Welles) Pennington. O seu pai era um rico oficial da carreira militar; a mãe era descendente de uma longa linhagem de aristocracia terratenente e pequena nobreza de Lincolnshire. Algures entre 1861, quando foi efectuado o Censo de Inglaterra, e antes de

LITERATURA

1868, quando o pai faleceu, a família havia-se mudado para Bath, onde residiam em Green Park, uma abastada zona residencial muito na moda.⁶ William Barrington D’Almeida nasceu em 1841, em Singapura, um dos três filhos de Joaquim e Rosa Maria (Barrington) D’Almeida. O seu avô, um fidalgo português de Viseu, Portugal, viajou para o Extremo Oriente, primeiro para Macau e depois para Singapura, onde faleceu em 1850. Os seus pais casaram em Calcutá. William era cidadão britânico, nacionalidade sem dúvida adquirida pelo seu nascimento em Singapura.⁷

Anna e William casaram a 17 de Abril de 1860, em Henley, Oxfordshire. A sua primeira filha, a menina que os acompanhou na viagem pelo Extremo Oriente, Rose A. G., nasceu em 1861, em Paris, França. Tiveram mais dois filhos, nascidos após o regresso da viagem: Lillian Augusta, nascida em Março de 1863 em Bath, e Marmion Barrington, nascido em 1865, em Kingston-upon-Thames, Surrey.⁸ Anna faleceu a 12 de Maio de 1866, com 30 anos, em Kingston-upon-Thames, Surrey, poucos meses após o nascimento do filho. Embora no registo da morte de Anna conste a idade de 25 anos, o que indicaria 1841 como sendo o ano do seu nascimento, é muito provável que ela tenha mentido sobre a sua verdadeira idade, de maneira a não revelar que era de facto cinco anos mais velha do que o marido, uma prática frequente na era vitoriana. Como as famílias de Anna e de William eram do mesmo estrato social, presume-se que durante o seu casamento usufruíram de vastos meios de subsistência, dado que não se conhece qualquer profissão para William, anterior à morte de Anna. William agora viúvo, foi com os filhos viver com a sogra em Bath, onde está registado como estudante de Direito. Algum tempo depois mudou-se para Londres, deixando os filhos de Anna com a sua avó viúva, e aí teve um filho e uma filha, possivelmente de Charlotte Crockford, com quem casou em 1882. Em 1891, William ficou de novo viúvo e passou a viver com a sua filha mais velha, Rose, e os seus dois filhos mais novos, em Chelsea, onde morreu em 1897, com 56 anos de idade. Rose permaneceu solteira até à morte do pai, casando apenas em 1907.⁹

GÉNERO E NARRATIVAS DE VIAGEM

A Lady’s Visit abre com uma dedicatória autodepreciativa, devidamente dirigida ao (isto é, aprovada por) marido da autora:

“To thee, who hast aided me in my toils, and so kindly smoothed every difficult path and rugged step, is dedicated this little work by thy loving and faithful wife, Anna”.

Na mesma linha, o Prefácio chama a atenção para a simplicidade do seu propósito ao escrever esta narrativa, quando Anna enfatiza que o livro é apenas um mero divertimento. Utiliza a metáfora de *“a little bark, adapted only for a summer sea [...] a pleasure sail”* sem *“the results of scientific research, or tedious disquisitions on the ethnology and early history of the country”*. Promete *“sketches”* e *“amusing anecdotes”* sobre *“the peculiar race inhabiting these distant islands”*. Prevalece o critério racial, assim como o preconceito que leva Anna a ver ‘o outro’ como uma *“amusing anecdote”*. Anna afirma evitar todas as alusões relativas a questões políticas, *“not having sufficient confidence in the correctness of my own judgement to justify me in assuming the office of a public instructor”*. Do mesmo modo, o súbito epílogo em Hong Kong:

“And now, gentle readers, my work is done. Trusting that it has at least succeeded in whiling away a portion of your time, if it has proved a means neither of instruction nor of information, I will lay my pen aside and, making my exit from your mind, say Adieu.” [297]

está de acordo com a convenção de que uma mulher (especialmente uma ‘senhora’) nunca instrui o público, apenas entretém um círculo restrito, que aceitou tacitamente as suas limitações. No entanto, e como veremos, a declaração de intenções de Anna entra em evidente contradição com o conteúdo geral do livro.

Na realidade, o Prefácio, é um pró-forma, um *captatio benevolentiae*, uma declaração de intenções comumente considerada aceitável para uma mulher escritora, concebida para acompanhar a “fiel” dedicatória ao marido, que torna o livro apropriado e adequado a uma honrada “senhora”. Na verdade, a legenda da segunda imagem central do frontispício (e existem apenas duas imagens em todo o livro¹⁰) contrasta claramente com a *Lady* do título: retrata *“A Japanese ‘Tea-House’ Girl”* (nem mulher, nem senhora), em que as aspas são usadas para evitar a chocante palavra “bordel”.

A proliferação de narrativas de viagem britânicas na época vitoriana prova que o turismo providenciou um espaço onde até mesmo os não-autores não hesitaram em aventurar-se. Títulos como *Glimpses*,

LITERATURE

Sketches, Impressions, Notes, Diaries, Wanderings e Travels sugerem um tom informal que, no caso das mulheres autoras, podia servir também como defesa contra as comparações com os grandes escritores masculinos, como Byron, Goethe, Flaubert ou Chateaubriand. Subjacente a este facto existe o eterno conflito entre a viagem de lazer (onde a escrita de uma mulher seria considerada fútil e insignificante) e o desejo de partilhar experiências, factos e de instruir o leitor (onde a escrita de uma mulher seria considerada demasiado séria e intelectualmente pouco feminina). Uma forma de a mulher-autora resolver este conflito era antecipar-se a qualquer crítica possível, adoptando uma postura apaziguadora e humilde. Embora não estivessem limitadas às narrativas de viagem, e apesar dos progressos na emancipação social, as mulheres viajantes vitorianas assumiram de tal forma uma atitude autodepreciativa que esta quase se tornou na regra para a escrita feminina.¹¹

A transição do *grand tour* para o turismo moderno introduziu um novo tipo de viajante, a mulher vitoriana de classe média, que viajava não só com a família, mas também – e muitas vezes – sozinha ou acompanhada de uma amiga. O turismo podia ser libertador para a mulher inglesa em muitos aspectos, pois dava-lhe a oportunidade de escapar às tarefas domésticas do dia-a-dia e de atravessar as fronteiras tradicionalmente estabelecidas. Viajar tornou-se numa das esferas públicas onde “*women could experience some freedom of mobility and also create a space for aesthetic expression*”.¹² Embora a sua contribuição não tenha sido reconhecida até muito recentemente, muitas mulheres escreveram relatos das suas viagens pelo Extremo Oriente, obras que circularam e foram lidas aquando da sua publicação, mas que raramente foram reimpressas. Nos seus relatos, descrevem-se a si mesmas como viajantes, ocasionalmente como líderes, enfatizando os seus feitos e os perigos que correram.

Com efeito, Anna retrata-se vezes sem conta como sendo uma viajante intrépida e experiente, orgulhosa de ser “bom marinheiro” [5], capaz de comparar os barcos orientais com os seus congéneres europeus, enquanto tece comentários técnicos sobre os diferentes tipos de embarcações nativas que observa na viagem para Manila [12] e Nagasáqui [185]. Para relevar os riscos que enfrentou, Anna descreve o ataque rebelde presenciado em Xangai [134], a doença de que ela e o marido padeceram na viagem para Hong

Kong [99] e Nagasáqui [181] e o tufão mortífero em Macau e Hong Kong. Os capítulos sobre as Filipinas contêm a narrativa de uma longa excursão pelo país: partindo de Manila, Anna, o seu marido, a filha e uma pequena comitiva de amigos viajam durante dias em canoas nativas, pernoitam em cabanas, sofrem um acidente grave no qual Anna fica ferida, escapam de bandidos, visitam vulcões e caçam no meio da natureza virgem, apenas para enumerar algumas das suas aventuras mais ou menos fantasiadas. Ao longo destes episódios Anna tem o cuidado de adoptar um tom heróico e estóico: “*But what benefit could we derive from murmuring against the will of Providence?*” [181], escreve. Devemos, contudo, ter em atenção que, muito embora as condições de viagem fossem em larga medida determinadas mais pelas convenções de hospitalidade numa determinada região do que pelos padrões e expectativas dos viajantes, a família D’Almeida e seus amigos eram viajantes privilegiados. Gozaram da hospitalidade do barão de C. na sua mansão em Macau, do cônsul britânico em Nagasáqui e de um influente mercador português em Hong Kong; compraram também vastas quantidades de fina porcelana na China e no Japão. Na realidade, ao considerarmos qualquer narrativa de viagens feminina do século XIX verificamos que se refere invariavelmente às classes mais altas da sociedade, pois as senhoras vitorianas que viajavam eram necessariamente senhoras de posses, a maioria ligada – através do matrimónio – ao mundo da política e dos negócios.

Basta ler os primeiros capítulos desta peculiar *Lady’s Visit* para concluir que as descrições de Anna são de facto bastante mais precisas e documentadas – apesar de muito “*I heard say*” e de fontes não referenciadas – do que ela prometera no Prefácio. Para além disso, o relato revela um surpreendente leque alargado de interesses. Por exemplo, Anna faz uma descrição detalhada de Manila, que contém muitos factos objectivos e quantitativos, montantes de dinheiro, e pormenores históricos, administrativos e lendários. Cita notas tiradas pelo marido durante uma visita aos quartelamentos do exército e à prisão local e mostra um interesse considerável pelos processos e técnicas de manufactura de charutos e açúcar, e pela economia e indústria em geral. Previsivelmente, enquanto agente da ‘civilização britânica’ e representante orgulhosa da pátria da revolução industrial, Anna compara e louva as vantagens dos métodos industriais europeus. Uma

LITERATURA

vez mais, ao contrário do que prometera no Prefácio, esta ‘senhora-autora’ também exprime fortes opiniões sobre política, governação, religião e justiça social nas Filipinas (governada pela Espanha católica) e critica severamente a estagnação da administração portuguesa de Macau, quando comparada com a administração britânica de Hong Kong [109].¹³ Protegida por uma dedicatória apropriada, um prefácio modesto, um respeitável estado civil e pela permanente presença do marido, Anna não receia utilizar a escrita para revelar as suas opiniões sobre assuntos tradicionalmente reservados aos homens.

Embora não estivessem limitadas às narrativas de viagem, e apesar dos progressos na emancipação social, as mulheres viajantes vitorianas assumiram de tal forma uma atitude autodepreciativa que esta quase se tornou na regra para a escrita feminina.

Outros exemplos de descrições detalhadas e de um vasto âmbito de informação incluem a excursão ao sul de Luzon e as suas cuidadosas notas e citações sobre natureza, geografia, vulcanologia e história; a longa e pormenorizada biografia de Luís de Camões, em Macau; as notas sobre botânica em Nagasáqui, com um pequeno glossário; a descrição *in loco* de uma casa de ópio em Xangai, das lojas de sedas e casas de pasto “desta estranha terra” [147]; a sua admiração pela língua japonesa; a visita a uma manufactura de chá, a um mercador de sedas e a uma loja de objectos lacados em Nagasáqui; os comentários precisos sobre a importância comercial das cidades japonesas ainda fechadas aos estrangeiros; a descrição da exposição de figuras de barro chinesas em honra do festival das lanternas que visitou em Hong Kong [295], entre

muitos outros. Revelando ao mesmo tempo interesse e capacidade de percepção, Anna salta de assunto em assunto enquanto viaja e testemunha os vários tópicos que motivam a sua escrita.

VIAJANTES E TURISTAS

Apesar da falta de contextualização tanto da viagem como da narrativa (que começa *in media res* e termina num abrupto “*adieu*”), os dados biográficos de Anna sugerem que a razão subjacente à viagem dos D’Almeida poderá ter sido uma visita às origens familiares do seu marido no Extremo Oriente. Desta extensa família, vários membros estavam já a viver em Inglaterra em 1861 ou iriam mudar-se em breve para os Estados Unidos.¹⁴ A falta de informação biográfica detalhada acerca do jovem casal torna difícil classificar Anna como sendo uma viajante veterana, quando comparada com uma mera turista, no presente sentido derogatório da palavra. Oriundos de famílias com bons meios financeiros, o casal terá partido numa lua-de-mel prolongada pela Europa, brevemente interrompida em 1861 pelo nascimento da filha Rose, em Paris, antes de prosseguirem em direcção ao Extremo Oriente. Presume-se que *A Lady’s Visit* seja a narrativa de apenas uma parte de uma viagem mais vasta e já em curso pelo Extremo Oriente, durante a qual a autora terá adquirido os seus conhecimentos.

A comprovar que Anna, com apenas 26 anos de idade (na realidade), era já uma viajante veterana, temos as suas múltiplas descrições detalhadas e comparativas, que indicam que ela viajara, não apenas pela Europa e pelo Mediterrâneo, mas também pela Índia e pela Ásia. Principalmente no início da narrativa, Anna tende a fazer muitas comparações com a Índia, recordando talvez anteriores viagens ou experiências recentes. Ao descrever os pormenores dos palanquins, ruas e lojas, ela compara facilmente Hong Kong com Calcutá e Malta. No seu relato da “agradável excursão familiar” (“*pleasant little excursion*”) ao “Pico” em Hong Kong, Anna compara esta expedição, com alguma ironia, aos destinos da moda na Europa, nomeadamente “*the mountains of Switzerland or Savoy, the Montanvert in Chamouni [Chamonix], the Mer de Glace, or the Pyramid in Egypt*” [9]. Apesar da renitência em fornecer detalhes biográficos, Anna não hesita em revelar que já desceu à cratera de um vulcão em Java [84] e visitou os Alpes e os Pirinéus [231], concluindo que a Ásia é muito superior

LITERATURE

à Europa em beleza natural e paisagens. Para além disso, Anna parece muito habituada e compreensiva em relação a práticas culturais diferentes das suas. Em Manila, por exemplo, repara sem grande surpresa ou crítica que muitas mulheres usam mantilha, embora a maioria ande “*with neither bonnet nor hat for the evening promenae, but, like the Dutch ladies in Java, prefer thoroughly to enjoy the fresh air*” [14], e também que “*The native women all smoke, and so do much of the mestizos openly, and I think I am right in saying many Spanish dames enjoy quietly their cigar or cigarette*” [97]. Em muitas ocasiões, Anna descreve os vestidos e acessórios femininos, louvando as diferenças e a adaptação nativa às condições do clima local. Contudo, a sua tolerância tem limites, quando – previsivelmente – considera a nudez um sinal de selvajaria, como nos seus comentários sobre os índios Igorroté – “*I believe the more savage of this extraordinary people wear no clothing whatever [...] only the more civilized of the women wearing a kind of loose dress*” [48] –, ou no seu horror aquando do episódio dos banhos de vapor em Nagasáqui, onde inesperadamente presencia “*men and women bathing in puris naturalibus*” [209]. Contudo, e contrariamente ao que poderíamos concluir de uma abordagem tendenciosa a um livro intitulado *A Lady's Visit*, as roupas femininas e as questões de moralidade não são de todo o foco principal da atenção de Anna. Por último, é importante salientar que, contrariamente aos viajantes masculinos, as mulheres eram constantemente objecto da curiosidade local, tornando-se elas próprias ‘atrações’, expostas aos olhares e ao escrutínio dos nativos que, ironicamente, eram o objecto de estudo dos viajantes: “*As but few ladies walk in this dirty part of the town [Xangai], I was evidently regarded in the light of a 'curio'. Numbers followed our footsteps, and at each halt we made, crowds gathered round us, as though they had come purposely to see a 'sight'*” [146].

Esta última palavra – “*sight*” (vista) – serve para introduzir o outro lado da experiência de viagem de Anna. Durante os séculos XVII e XVIII, o *grand tour* era uma forma de turismo educacional, especialmente dirigida aos jovens britânicos abastados da alta sociedade, que seguiam um itinerário padronizado através de destinos culturais específicos na Europa, onde eram expostos às antiguidades clássicas e ao legado da cultura renascentista. O *grand tour* era uma viagem educativa altamente sofisticada e com objectivos precisos, por parte de um grupo social

de elite, organizada em torno da busca do saber, da cultura e do convívio intercultural. No final do século XVIII, o foco das viagens na Europa mudou da busca escolástica para o prazer visual, do ouvido do viajante para o olhar do viajante.¹⁵ A década de 1830 produziu um sujeito observador que era, ao mesmo tempo, um produto e um representante da modernidade no século XIX.¹⁶ Quando Thomas Cook e outros começaram a organizar viagens pela Europa, oferecendo um contexto respeitável para que “as senhoras de bem” pudessem também viajar, tornou-se moda entre as mulheres participarem nessas excursões. Daqui em diante, a ‘vista’ tornou-se altamente significativa para a organização do discurso do turista e da viagem. Na maior parte desses discursos há uma ênfase especial em ver e colecionar vistas. Expressões do dia-a-dia como ‘*seeing the sights*’, ‘*capturing the view*’, ‘*eye-catching scenery*’, ‘*picturesque village*’ e ‘*pretty panorama*’ ilustram o significado que a visão tinha para o viajante. Em *A Lady's Visit*, por exemplo, Anna escreve: “*Those amongst us who loved the picturesque were particularly struck by the fine bold-looking appearance of the rock or island of Taychow*” [129]; “*The most lovely view it is possible to imagine lay before us like a panorama*” [218]; “*This harbour is excessively pretty, the hills around very woody, and the country bright and green*” [269]. A narrativa e a prática de colecionar vistas acabam por dominar o próprio itinerário das viagens, frequentemente organizadas de modo a possibilitar a contemplação de paisagens espectaculares.¹⁷ A experiência da beleza, captada através do sentido da visão, foi valorizada pelo seu significado espiritual para o turista culto. Na sua transformação estética, a observação de paisagens tornou-se uma actividade apaixonada de busca pelo sublime em paisagens exóticas.

A importância da paisagem e da sua observação na viagem de Anna é igualmente evidente na passagem:

“*But to return to our view. The mountains of Maculot and Sungal are the loftiest to be seen, but numbers of smaller ones and verdure-clad hills are to be seen on all sides, with here and there herds of cattle grazing on the rich fields, or village hamlets embosomed in tufted trees*”. [85-86]

Ao chegar ao porto de Nagasáqui, Anna declara que a ilha de Nasuzima, coberta de árvores com uma folhagem brilhante e variada, é muito pitoresca, e que as velas dos pequenos barcos eram “muito singulares e algo pitorescas” [184-185]. Apesar disso, a beleza da

LITERATURA

paisagem é rapidamente arruinada pela “repugnante” (“*disgusting*”) visão da pele dos marinheiros (embora “*almost as fair as that of the Europeans*”), “*lending no additional charm to the surrounding scene, but rather forming an eyesore one would gladly dispense with*” [185]. Podemos concluir que o nativo é um elemento dispensável da paisagem, que só deveria existir para o deleite do visitante europeu. Esta visão “terrível” contrasta com o “*picturesque tableau*” [236] dos nativos (decentemente vestidos?), tratando ordeiramente dos seus afazeres quotidianos, na região de Kanazawa, com a beleza natural perfeita como pano de fundo.

Em última análise, esta percepção e apreciação da paisagem tende a ser reforçada por uma agenda que tem tanto de ética como de estética. Esta versão particular da própria materialidade da paisagem, que é expressa pelo visitante ocidental de elite, nunca está livre de juízos de valor. Vem sempre acompanhada por uma série de suposições e implicações, geradas por padrões culturais e preconceitos sociais e raciais, entre outros. No caso de Anna, as diferenças na percepção parecem ser minimamente baseadas no género, uma vez que os papéis sexuais são menos evidentes entre os membros da alta sociedade cosmopolita. O estatuto artificial ou arbitrário magnânimamente atribuído aos objectos e imagens privilegiados marginaliza tudo aquilo que não está de acordo com os referidos padrões. O processo de ‘civilização’, através do qual os turistas ocidentais tentam dominar um país desconhecido, revela-se na estrutura de convenções artificiais e padrões de referência patente na descrição do novo território enquanto paisagem catalogada. Como consequência, estes turistas vêem-se a si próprios como um grupo isolado e independente do mundo natural, cuja contemplação deverá divertir-los enquanto observadores externos. Podemos aqui recordar a apreciação de Thoreau sobre o refinamento cultural da paisagem civilizada, depois de o seu entusiasmo prematuro pela vida selvagem ter ficado algo esmorecido pelo contacto directo com a verdadeira vida selvagem:

“*Could men live so as to ‘secure all the advantages [of civilization] without suffering any of the disadvantages?’ The answer for Thoreau lay in a combination of the good inherent in wilderness with the benefits of cultural refinement. The excess of either condition must be avoided. The vitality, heroism, and toughness that came with a wilderness condition had to be balanced by the*

delicacy, sensitivity and ‘intellectual moral growth’ characteristic of civilization”.¹⁸

O estilo, em narrativas de viajantes ocasionais como *A Lady’s Visit*, é quase sempre leve e despreocupado, pois os autores descrevem viagens que são, em grande parte, realizadas em busca de prazer. Previsivelmente, quando não compreende um objecto ou uma prática, Anna pressupõe uma explicação ou estabelece comparações com a sua própria cultura. Tal como no actual turismo de massas, também os viajantes do século XIX esperavam ser expostos a novas experiências, enquanto se divertiam. Além do mais, os viajantes ocasionais nunca viam as coisas do ponto de vista do nativo. As suas descrições caracterizam-se por uma distância auto-afirmativa, na qual o sistema de valores ocidental prevalece e se define por olhar o ‘outro’ como um espelho estranho e, muitas vezes, invertido. O mesmo sucede na actualidade, em que os turistas continuam a usufruir do mito do ‘outro’ exótico oferecido pelos agentes de viagens, que os seduzem com termos como “desconhecido”, “inexplorado”, “intacto” “paradisiaco”, “virgem” e “diferente”. No entanto, e evocando uma vez mais a preferência de Thoreau pelo “selvagem civilizado”, tanto Anna como os turistas de massas contemporâneos – apesar de todos eles procurarem autenticidade – na verdade buscam um certo grau de aventura negociada dentro de um ambiente seguro e controlado, do qual podem optar por sair para usufruir de experiências previsíveis e estereotipadas.

Em Macau, Anna elabora uma meticulosa descrição turística – uma espécie de *Guia de Bolso Anna D’A. para Macau* – que inclui uma lista de locais a visitar, as melhores vistas, sugestões de excursões, bem como comentários críticos sobre a qualidade e estado das atracções, tudo complementado com notas históricas, curiosidades e lendas locais. Lamenta, por exemplo, que, no Jardim de Camões, “*everything wears an air of waste and ruin*” [112], e que a Gruta de Camões tenha sido manchada com nomes e inscrições ofensivas nela gravados. Isto evoca de imediato tanto a actual questão urbana do *tagging* e do *graffiti*, como o choque que Gustave Flaubert sofreu, em 1849, quando viu “Thompson of Sunderland” gravado em caracteres gigantescos na coluna de Pompeu, em Alexandria.¹⁹

A senhora viajante, civilizada mas estóica, só ocasionalmente se lamenta da sujidade, da comida estranha, dos percevejos, da falta de privacidade, das baratas e dos cheiros (“*Modernity declared war on*

LITERATURE

smells. Scents had no room in the shiny temple of perfect order modernity set out to erect", afirma Zigmunt Bauman²⁰). Por outro lado, é interessante comparar os diferentes padrões críticos e comportamentais dos visitantes ocidentais 'civilizados' com aqueles que são aplicados aos asiáticos. Numa estalagem nas Filipinas, Anna queixa-se da falta de privacidade que a impede de se despir à noite mas, no parágrafo imediatamente a seguir, ela afirma: "*We could not resist taking a peep into the adjoining apartment. The scene was truly an absurd one, and reminded me of a hospital, though wanting in the cleanliness and comfort of those excellent institutions*" [68]. Perto de Nagasáqui, Anna informa orgulhosamente o leitor que o seu grupo desobedeceu às leis locais e visitou um lugar "situado para lá dos limites permitidos aos excursionistas europeus" [218]. Descreve um templo budista em Xangai e um cortejo fúnebre em Nagasáqui como meras atracções turísticas, sem qualquer tipo de alusão à sua natureza religiosa. No navio para Kamakura, os D'Almeida e outros passageiros ocidentais divertem-se atirando garrafas à

água "*in order to see the boatmen plunging and diving for them in their almost nude state*" [244].²¹ Neste caso, e uma vez que o divertimento e o convívio estão em primeiro lugar, Anna não faz comentários horrorizados sobre a pele "repugnante" dos nativos. A nudez, aqui, é parte da descrição animalizante dos barqueiros, que compara a animais domesticados que actuam para regozijo dos seus donos, em vez de uma mancha numa paisagem de outro modo perfeita. A socialização a bordo é exclusivamente limitada a actividades entre europeus, cujos nomes a autora omite. Os navios são espaços de transição, criados pela cultura do turismo e habitados por grupos rigorosamente estanques de viajantes. O sentimento de distanciamento e superioridade sociocultural de Anna parece reforçado a bordo, quando isolada entre outros ocidentais: a morte de um passageiro da segunda classe chinês, a caminho de Xangai, por exemplo, apenas a faz sorrir ao observar os rituais fúnebres e as "superstições" chinesas em relação à morte [283]. Esta atitude é bastante diferente daquela que demonstra quando

A Praia Grande, Macau. Gravura, colorida à mão, de W. H. Capone sobre desenho de T. Allom, c. 1843.



LITERATURA

atravessa regiões desconhecidas com o seu grupo, aí totalmente dependentes da orientação e hospitalidade dos nativos.

Desde o início, a viagem de lazer tem sido indissociavelmente ligada ao modo como é conferida uma forma objectiva ao elemento visual, através da pintura e do já referido desenvolvimento do conceito de ‘paisagem’. O crescimento do ‘turismo cénico’ evoluiu ainda mais com a invenção da fotografia em 1839. Não podemos esquecer que (d)escrever e tirar fotografias tornam o grotesco visível, ao mesmo tempo que o mantêm a uma distância segura. Os primeiros daguerreótipos do Japão foram tirados em 1854 por um membro da tripulação do comodoro Perry. Embora as seguintes descrições tenham sido escritas em 1862, elas podiam ter sido relatadas por qualquer turista contemporâneo, em qualquer parte do mundo, ao comprar postais ilustrados como recordação ou ao tirar a típica fotografia que prova que ‘Eu estive lá’. Em Kamakura, “*a village no European had ever seen*” [240], o grupo de Anna compra imagens vendidas no local aos turistas: “*After some few minutes’ conversation with the man who acted as guide, and purchasing a native portrait of the revered object, from which, I am sorry to say for the artist, no one could possibly obtain any correct impression of it*” [246]. Quando o grupo visita um espaço religioso com imponentes figuras em bronze, num templo perto de Kamakura, e um cavalheiro americano fotografa a cena, Anna descreve a forma irreverente como ela e o seu marido posaram: “*My husband and myself mounted upon the wall which forms its pedestal, and from thence scrambled up the folds of the dress, and seated ourselves on the thumbs of the two hands*” [245]. Não podemos deixar de comparar esta atitude com o sorriso do moderno turista japonês apontando para a Gioconda, ou com o jovem turista eufórico que escala a estátua de David em Florença ou mergulha na Fonte de Trevi em Roma, provando, assim, a sua cobiçada posse física do objecto reverenciado.

QUESTÕES DE GÉNERO NO CONTACTO INTERCULTURAL

Este último episódio humorístico serve também para ilustrar outra característica importante desta narrativa de viagem: Anna e o seu marido são sempre verdadeiros companheiros, partilhando em igualdade perigos, aventuras e desconforto, com a mesma

coragem e resistência. Anna orgulha-se de demonstrar que nunca é um fardo ou recebe qualquer tratamento excepcional pelo facto de ser uma “senhora”. Raramente refere qualquer tipo de cuidados especiais para com a sua filha bebé (a excepção mais notória ocorre em Nagasáqui, quando “educadamente declina” o pedido da mulher de um abastado comerciante japonês para levar Rose consigo por alguns dias), nem se identifica a si própria como mãe. A narrativa está repleta de referências ao marido como sendo um companheiro de viagem, nunca como uma ‘autoridade’. Quando Anna reproduz os comentários do seu marido sobre uma luta de galos a que ele assistira em Tanoan, verificamos que o seu vocabulário não demonstra qualquer diferença significativa de género e que o discurso masculino de horror e repugnância em relação a esta prática nativa é tão emotivo como as notas subsequentes de Anna. Quando navegam de Singapura para Hong Kong, Anna elogia espiritualmente a “boa mulher” do capitão escocês, como sendo uma verdadeira “*helpmate and faithful companion*” [6], que segue e auxilia o seu marido, apesar dos perigos do mar. Este é o retrato da mulher europeia que Anna tenta transmitir e o modelo pelo qual se rege na sua própria vida e viagem. Anna define-se como uma mulher ocidental emancipada, alegadamente abençoada com um destino em todos os aspectos muito melhor do que o das suas homólogas asiáticas.

Anna parece também considerar os homens asiáticos (‘orientais’) como sendo intrinsecamente malévolos. Ao longo da sua narrativa, sentimos uma espécie de irmandade feminina global, em que Anna assume uma atitude maternal algo condescendente em relação às ‘outras’ mulheres, que ela vê como vítimas de uma sociedade ‘incivilizada’, que não lhes permite o papel de iguais, de companheiras dos seus homens, de que as mulheres europeias como ela usufruem. Enquanto intérprete de uma cultura diferente para uma audiência britânica de classe média e alta, Anna sente-se privilegiada, bem informada e plena de recursos – por conseguinte, superior –, uma posição que a distancia das mulheres asiáticas, que descreve estereotipadamente como pobres, confinadas e oprimidas. Isto revela como o projecto imperial condiciona também a ideologia de género: quanto mais distante uma mulher está do paradigma europeu (isto é, do paradigma protestante britânico), mais digna de pena ela é. Stuart Hall, ao definir os estereótipos sobre o ‘outro’, fala sobre a preocupação em marcar a ‘diferença’.²² Assim, quando

LITERATURE

uma mulher pertencente a outra cultura não se enquadra na norma etnocêntrica que é aplicada à mulher europeia, ela deve ser construída como 'outra'. Esta 'outra' mulher – quer seja filha, esposa ou mãe – é sempre vítima da crueldade masculina, nunca é objecto de crítica ou de escândalo por parte da sua irmã ocidental.

A narrativa de Anna tende a avaliar o nível de 'civilização' de uma sociedade pelo estatuto conferido às mulheres, algo que, na China, parece ser de facto miserável. Com efeito, os ocidentais interpretavam o enfaixar dos pés como um indicador de opressão e a poligamia era considerada a principal causa do baixo estatuto da mulher na sociedade chinesa. No Japão, embora a poligamia fosse prática corrente entre os ricos samurais, os viajantes ocidentais tinham muito pouco contacto com esta classe e Anna supunha até que a poligamia era proibida. Como as suas descrições são geralmente baseadas em observações feitas nos portos abertos aos estrangeiros e nas áreas restritas em redor, as famílias de comerciantes, as raparigas das casas de chá e os camponeses de ambos os sexos trabalhando lado a lado nos campos tornam-se no objecto da interpretação de Anna e em fontes para uma imagem mais positiva do estatuto da mulher na sociedade japonesa.

Anna dedica inúmeras páginas a descrever, com horror e compaixão, o destino sombrio da mulher chinesa. Em Xangai, assiste a um casamento onde “a noiva é vendida pelos seus pais” [147]. Conta como, antes do casamento, a filha vive isolada dentro de casa até ao momento em que “*she is disposed to the highest bidder, and dispatched from the paternal roof, where all her life of limited joy [...] has been passed, with the gentle mother who lovingly tended her infant years, and guided her childish steps*” [149]. Segundo Anna, o destino da mãe não é melhor do que o da filha: “[*she*] *is left to live out her lonely existence, uncaring and uncared for by the voluptuous father, who has, probably, long since discarded her for a younger and fairer favourite*” [149]. Anna continua o seu relato:

“The young girl arrives in front of her purchaser’s house, and, with breathless anxiety and gloomy forebodings, hears the key placed in the lock, and the door turn on its hinges. If, after inspection, his purchase is deemed satisfactory, she becomes the property of a new master, to all of whose wishes and commands she must be subservient, her own feelings or inclinations being totally disregarded.” [149-150]

Ao descrever outro casamento, desta vez em Macau, Anna usa expressões complacentes tais como “*trembling in every limb*”, “*mortified damsel*”, “*open to every kind of criticism*”, “*poor deformed feet*”, e “*probationary duty*” [150]. Para completar esta imagem tenebrosa, Anna exprime abertamente a crença comum de que o infanticídio de bebés do sexo feminino (“*crime*”, “*atrocitiy*”) é generalizado no país e, sem dúvida, realizado pelo pai (“*monstrous*”, “*fallen spirit*”, “*murderer*”, “*inhuman*”): “*The new-born babe has scarcely felt the caresses of its fond mother before it is drowned in warm water*”; “*The father is the best judge and arbiter of the destiny of his child*” [173].

*No final do século XVIII,
o foco das viagens na Europa
mudou da busca escolástica
para o prazer visual, do ouvido
do viajante para o olhar
do viajante.*

Anna parece conceder à mulher japonesa uma posição superior na sociedade, quando comparada a todas as outras mulheres asiáticas, dado que “*The Japanese make companions of their wives in a more general sense than any Eastern nation I have seen or heard of*” [204]. Contudo, em Nagasáqui, depois de o casal ter visitado um samurai japonês, Anna descreve a aparência da esposa – rosto pesadamente maquiado, sobrancelhas rapadas e dentes enegrecidos (traços característicos das mulheres casadas das classes mais altas) – como sendo consequência de um “*costume tirânico*” [206]. Depois da visita, é-lhe dito que o oficial “*had fallen in love with his wife at a ‘tea house’, and purchased her from the proprietor of the establishment*” [207]. Anna terá certamente lido anteriores descrições de ocidentais sobre o sistema de prostituição no Japão, segundo as quais os pais tinham o poder de vender as suas filhas a “casas de chá”, ou seja, a bordéis. Anna acreditava que este costume se restringia às classes mais baixas e que seria apenas por uma questão de pura necessidade económica que os pais enviavam uma jovem filha para um bordel: “*These poor children are, for their owner’s own benefit, carefully tended, being kept in*

LITERATURA

comparative seclusion until they attain the age of fourteen or fifteen, when they are compelled to commence an immoral cause of life, the poor girls, like too many sad victims in our own land” [205]. Muitos outros escritores manifestaram horror pela venda de raparigas para a prostituição, alegando que esta prática era um indicador de que, apesar dos progressos da sociedade japonesa, esta estava ainda num nível inferior de desenvolvimento, quando comparada com a civilização ocidental. Alguns escritores, contudo, afirmam que estas mulheres acabavam, por vezes, por casar, e bastante bem, depois de uma carreira como prostituta, conforme foi confirmado pelo casal que os D’Almeida visitaram. É importante salientar que Anna nunca adopta um tom moralista ou escandalizado quando escreve sobre estas mulheres. Lamenta-as, tal como lamenta a sorte de idênticas mulheres no seu próprio país que, segundo ela, não escolheram este modo de vida como uma maneira fácil de escapar à pobreza, mas seriam antes – reflectindo uma linha muito típica do pensamento feminino ocidental de que as prostitutas eram ‘mulheres caídas’ que haviam sido arrastadas para a imoralidade pelos homens – vítimas da sua própria inocência e ignorância. De facto, no final do século XIX, o trabalho filantrópico em prol das ‘mulheres caídas’ arrependidas, dos órfãos e de outras pessoas carenciadas era considerado um dever das senhoras das classes média e alta, e uma linha de acção adequada fora da esfera doméstica.²³

RELIGIÃO E PENSAMENTO IMPERIAL

A aparente, embora intermitente, abertura de espírito, compreensão e sociabilidade de Anna durante tantas e tão complexas interações interculturais tem limitações peculiares. Os seus principais limites de tolerância enquanto viajante aventureira privilegiada não são – surpreendentemente? – estabelecidos por questões de raça ou de género, mas sim por questões religiosas. E é aqui que a secção filipina de *A Lady’s Visit* adquire protagonismo.

Apesar da declaração inicial sobre a neutralidade apolítica, simplicidade e até mesmo futilidade da sua narrativa, em Manila, Anna inicia uma longa denúncia dos males do catolicismo, que irá perdurar ao longo de todo o livro, especialmente nos primeiros capítulos, à medida que ela percorre território filipino. Os raros estudiosos do trabalho de Anna parecem preferir questões mais polémicas relacionadas com o racismo

e o colonialismo transcontinental,²⁴ em vez da sua censura feroz ao catolicismo e dos seus comentários depreciativos em relação às práticas católicas em geral e aos sacerdotes católicos em particular. Tal atitude é representativa de uma outra faceta do colonialismo britânico, muito ignorada pela crítica pós-colonial que, convenientemente, prefere não dar atenção à grave opressão que acontecia dentro das próprias Ilhas Britânicas durante o século XIX, quando a vizinha Irlanda católica era cruelmente subjugada pelos protestantes britânicos, sob o pretexto da diferença religiosa.

A dicotomia ‘nós’ versus ‘eles’ mais evidente em *A Lady’s Visit* é, portanto, construída com base em pormenores de fé cristã. O preconceito colonial de Anna e o seu discurso impiedoso são predominantemente dirigidos contra a influência dos seus vizinhos europeus, brancos e católicos, o verdadeiro ‘outro’ deste diário de viagem, muito mais do que contra outras raças, práticas exóticas, religiões distantes ou questões de género. Os pensamentos de Anna sobre o catolicismo são semelhantes aos manifestados pelos missionários de qualquer crença sobre o ‘paganismo selvagem’. Os momentos de horror na sua narrativa são todos provocados por práticas católicas: uma visita ao cemitério, práticas face à morte, superstições locais, venda de indulgências, rituais fúnebres (só comparáveis aos muito desprezados ritos chineses), uma imensa figura de S. Pedro, uma procissão – “*a sad spectacle of idolatry*” [74]. Anna justifica o facto de assistir a uma missa católica em Manila, afirmando que “*we went to look at the spectacle*” [93]; o enterro católico de uma criança é simplesmente “*very curious*” [94]. Descreve com severidade um suposto milagre (uma imagem de Cristo que sangra) em Manila como um “cruel subterfúgio”, um “esquema” para induzir os “habitantes crédulos” a doar dinheiro [17]. Anna parece atribuir a ignorância, os preconceitos, as superstições e a falta de progresso (ou seja de ‘civilização’) exclusivamente à influência católica, enquanto que o protestantismo favoreceria o “progresso industrial e intelectual”:

“The people in Manilla are awfully bigoted, more priestly-ridden, if possible, than in Spain itself, and, consequently, far behind in every kind of industrial or intellectual pursuit. Influenced by the priests, they evidence a marked dislike to anything in the shape of innovations. No Protestant missionary is allowed to set foot in one of the Philippines, nor, if known, is a Protestant Bible suffered to enter.” [16]

LITERATURE

A descrição solidária dos nativos como vítimas da conversão é semelhante à descrição das mulheres orientais como vítimas da opressão masculina. De acordo com Anna, a conversão de “um povo supersticioso” ao catolicismo é meramente exterior e induzida pelas “*numerous images and extravagantly gaudy processions [...] by which the Roman Catholics so powerfully impress the imagination of the ignorant; while our simpler and purer forms often fail, through that very simplicity which is their greatest beauty*” [17]. Mais ainda: a recusa dos padres católicos “em casar qualquer cristão com um infiel” causa situações generalizadas que ela qualifica como “assustadoramente imorais”. O Capítulo II contém uma longa e depreciativa descrição da catedral católica de Manila, sempre influenciada pela ideia da falácia da aparência, bem como descrições desdenhosas de *ex-votos*, estátuas e pinturas. No entanto, Anna argumenta de forma magnânima que os bons protestantes não devem confrontar abertamente as práticas católicas nem ofendê-las com actos de provocação [126-127], embora ela própria utilize expressões tão críticas como “uma paródia da verdadeira religião”, “sinceridade no entanto errada”, “devoção fanática” e “imagens de mau-gosto”.

A análise das narrativas de viagem escritas por mulheres tem sido muito selectiva, na sua tentativa de omitir atitudes negativas como o racismo ou a crueldade, e de enfatizar aspectos mais ‘femininos’, como actos de bondade e caridade, à imagem dos sentimentos de irmandade e empatia que Anna parece nutrir pelas mulheres vítimas da tirania masculina. A visão de Mary Kingsley dos africanos como uma espécie à parte e inferior, por exemplo, é também frequentemente omitida nos relatos que acentuam o seu amor por África.²⁵ Contudo, ao colocar estas mulheres numa perspectiva preconcebida mais aceitável, estamos a ignorar secções consideráveis do seu trabalho e a comprometer a integridade da escrita de viagens. A escrita tem de ser examinada na sua totalidade, no contexto das estruturas discursivas dentro das quais foi produzida, antes de se considerar qualquer tipo de interpretação.

Quando escreve os seus longos e depreciativos comentários sobre questões religiosas, Anna, a turista, parece encarnar o modelo da viajante pioneira ocidental na Ásia: uma missionária protestante, uma representante da fé e do império, corajosa e independente, tolerante com potenciais convertidos e bastante crítica com os embaixadores do rival catolicismo.²⁶ Podemos assumir

que as mulheres ocidentais se identificam com as mulheres que conhecem ao longo das suas viagens e que retratam na sua escrita. Mas, afinal, talvez estejam mais presas às diferenças culturais do que ligadas a uma ideologia comum de condição feminina. As mulheres ocidentais que viajavam pelo mundo pelas mais variadas razões eram, em primeiro lugar, agentes culturais que faziam eco do conceito da superioridade ocidental. São, sobretudo, “*cultural missionaries, maternal imperialists, feminist allies*”, tal como Barbara Ramusack define a mulher inglesa na Índia do início do século XX.²⁷ Enquanto turista, em breves estadias que não permitem contactos estreitos com a população local, as percepções de Anna confirmam que escritoras como ela estão, acima de tudo, a definir-se a si próprias. Por outras palavras, a imagem diz-nos mais sobre o seu criador do que sobre o objecto da imagem.

Como vimos, há uma ligação directa entre a escrita de viagens e a história do imperialismo e da colonização, daí o interesse, neste momento pós-colonial, em analisar as implicações dos textos produzidos por viajantes durante os primórdios do turismo europeu. Enquanto imperialistas culturais e defensores da superioridade do ocidente, os viajantes temporários (tanto homens como mulheres) viam as diferentes práticas e crenças como meras curiosidades. O pensamento e a escrita de Anna também estão estruturados de acordo com a dicotomia entre ‘superior’ e ‘inferior’, e muitas vezes combinam ética com estética, ao construir imagens colectivas animalizantes sobre o ‘outro’ enquanto ‘raça’. Por exemplo, quando descreve as trabalhadoras de uma manufactura de charutos em Manila, o discurso de Anna funciona como se estivesse a observar um animal mais ou menos belo, um simples colectivo de género e raça, desprovido de qualquer individualidade.²⁸ Segundo ela, as mulheres chinesas em Xangai gozam de alguma “superioridade” por causa da sua “pele mais clara”, quando comparadas com as mulheres chinesas em Macau e Hong Kong, que eram “sujas”, “rudes” e “vulgares”. Contudo, Anna poderia, talvez, ter escrito da mesma forma em Inglaterra, onde a sua crítica seria baseada não tanto em critérios raciais, mas antes em critérios de classe. De acordo com o espírito imperial, a beleza – segundo critérios ocidentais – seria sinónimo de bondade: a estética deveria reflectir a ética da ‘raça’ (não de um indivíduo, sociedade ou cultura). Por outro lado, a beleza, o vestuário, os penteados e os sorrisos brilhantes das mulheres japonesas seriam um sinal claro

LITERATURA

do seu estatuto social e da sua ‘superioridade’ em relação às infelizes homólogas asiáticas.

Comparar o Japão à China era usual nas descrições ocidentais do século XIX. Na década de 1860, a China era muito mais conhecida do que o Japão entre os ocidentais, cuja maioria aí chegava através de portos chineses. Uma vez no Japão, uma das paragens mais populares era, tipicamente, uma cidade portuária. Paradoxalmente, os visitantes ocidentais escreviam sobre as zonas mais cosmopolitas e em rápida modernização do Japão, nomeadamente os portos comerciais de Nagasáqui ou Yokohama e, ocasionalmente, sobre Tóquio, a rebaptizada capital do imperador Meiji. Com o aumento do número de ocidentais a viajar para o Japão a partir de 1860, este país quase desconhecido tornou-se objecto de estudo, interpretação e descrição em numerosos livros e artigos.²⁹ A abertura do Japão facilitou o seu papel de substituto da China e a sua percepção favorável por parte do ocidente, que o exótico e relativamente desenvolvido Japão parecia disposto a imitar. Por seu turno, Anna elogia o “desejo japonês de desenvolvimento” e “*readiness to adopt really useful innovations*” [200], transmitindo assim a noção imperialista britânica de que abraçar a indústria seria o mesmo que abraçar a civilização. O Japão era considerado diferente da Ásia ‘selvagem’ em geral, o que levou à criação das habituais categorias e hierarquias baseadas em estereótipos raciais, como expressa esta passagem de George William Knox, em 1904:

*“In our superficial way we [“nós”, os ocidentais, os povos ‘civilizados’] have classed Asiatics together and we have assumed our own superiority. It has seemed a fact, proved by centuries of intercourse and generations of conquest, that the East lacks the power of organisation, the attention to details, and of master over complicated machinery. Japan upsets our deductions by showing its equality in these matters, and, on the final appeal, by putting itself into the first rank of nations... Here is a people, undoubtedly Asiatic, which shows that it can master the science and the methods of the West.”*³⁰

É interessante notar a ausência de reciprocidade durante os raros contactos entre os D’Almeida e famílias japonesas do mesmo estatuto social (embora – e de acordo com as opções retóricas da narrativa – de estatuto racial e cultural diferente). Quando Anna descreve a recepção a um grupo de senhoras japonesas em Nagasáqui [207 e 270], o seu discurso apenas evidencia as diferenças: as senhoras rejeitam as cadeiras e sentam-se no chão; fumam pequenos cachimbos que Anna prontamente recusa; maravilham-se com o cabelo loiro de Rose; rejeitam o vinho do Porto e

parecem ignorar o piano “*with which they seemed quite astonished, probably never having heard the instrument before*” [271]. No entanto, quando os D’Almeida visitam um abastado mercador japonês em Nagasáqui [271], Anna nota que os anfitriões tiveram o cuidado de adaptar a sua casa aos visitantes europeus, providenciando cadeiras e mesas. Anna menciona devidamente o “trabalho” a que os anfitriões se deram para receber o casal europeu, mas também escreve que tanto ela como o seu marido se “divertiram” muito com a visita, como se referisse uma qualquer actividade infantil na qual haviam condescendido em participar.³¹ Mais tarde, ambas as famílias assistem a uma *soirée* no teatro japonês em Nagasáqui e, aqui, a classe social torna-se no principal critério de distinção: os D’Almeida sobem ao camarote do mercador e observam que “*at the back of the pit there’s a raised platform for labourers and their families*” [273]. Com efeito, as noções de ‘contaminação’ e ‘contágio’ são recorrentes na forma como a vida urbana do século XIX era compreendida. Os mais ricos deveriam observar as massas a partir de posições de algum isolamento e distância, com base nas dicotomias ‘olhar’ *versus* ‘tocar’ e ‘desejo’ *versus* ‘contaminação’. Esta distância social reconfortante é reproduzida no teatro japonês, onde a classe mais alta observa o ‘outro’, do cimo dos seus camarotes com vista para as massas. As descrições que Anna faz das suas actividades de lazer no teatro, a bordo dos navios, durante as excursões e visitas sociais, enquanto compra recordações e frequenta locais turísticos reflectem claramente a necessidade de prevalência desta noção de hierarquia social.

Nas constantes comparações que Anna estabelece entre chineses e japoneses, os primeiros saem sempre desfavorecidos. Enquanto povo, os chineses são alegadamente “*revengeful and cruel*” [124], “*offensive to the olfactory sense*” [133], “*unimaginative-looking*” [129], “*vindictive*”, “*a collection of puppet-shows*” [130], “*very annoying*” [134], “*filthy*” [143], “*a nuisance*”, “*excessively superstitious*”, “*the very idea of a Chinaman’s being polite, observing, or considerate, was too much for our risible muscles*” [180]. Segundo Anna, o povo chinês seria totalmente incapaz de assimilar a muito reverenciada e supostamente global língua inglesa. No entanto, ao criar outra habitual comparação ‘nós’ (europeus) *versus* ‘eles’ (os chineses), desta vez sobre

LITERATURE

hábitos alimentares, Anna admite que as suas afirmações são elaboradas a partir de “*the limited portion of the country we have travelled through, or of which we have obtained information*” [164]. Contudo, é fácil concluir que, para Anna, a verdadeira diferença reside no grau de deferência (ou de submissão) destes povos asiáticos para com o agente civilizador europeu:

“*The people we have left behind [os chineses] are surly, impertinent, independent, self-sufficient, in their manner towards foreigners; whilst those among whom we now are [japoneses], poor and rich alike, have an innate politeness which is exceedingly pleasing, and address strangers in a respectful manner*” [186-187].

Aqui, devemos salientar mais uma vez o jogo de palavras ‘a diferença é a deferência’, independentemente da forma que tal deferência reverente possa assumir: “*The Japanese are really very strict in punishing those who behave ill to Europeans*” [211]. Quando Anna sabe que um japonês foi sentenciado à morte por decapitação por ter maltratado o cavalo de um europeu, a sua tão proclamada compaixão humana desvanece-se, à medida que revela os seus profundos sentimentos de superioridade racial e imperial: “*Although such merciless severity cannot be commended, we hope it may prove a salutary lesson to his fellow-countrymen*” [213]. Quando escreve sobre os pajens japoneses que seguiam a pé os cavalos dos europeus durante uma excursão, Anna refere-se a eles como “*unfortunate beings*”, que “*performed this feat as if they were well accustomed to it*” [237]. Por fim, mas não menos importante, o seu comentário “*In the Chinese wars (as infames Guerras do Ópio) our Sikhs (note-se o possessivo) took [Cantão] by storm, and slaughtered, without mercy, all found within the walls*” [288] traduz a convicção de que a matança impiedosa será legítima, pois é inútil resistir ao avanço do império e da ‘civilização’ a qualquer custo.³²

Estes e outros episódios ao longo da narrativa levam-nos a concluir que o recurso em maior ou menor grau à violência é essencial para estabelecer a ‘natural’ e tranquilizadora hierarquia social, através da qual o espaço estrangeiro se torna num território ordenado. O ‘selvagem’ deve transformar-se em ‘civilizado’ a todo o custo e até os turistas como Anna estão conscientes do seu próprio papel como representantes privilegiados do Império Britânico, mesmo quando viajam por aventura e prazer. Devido a tudo isto, os perigos e os incidentes inesperados parecem menos ameaçadores,

pois a família D’Almeida – tal como muitos outros turistas – age como se estivesse de facto a realizar uma viagem doméstica, dentro dos domínios do imenso Império Britânico, onde gozam da protecção de uma empatia colonial global.

CONCLUSÃO

A Lady's Visit to Manilla and Japan de Anna D’Almeida oferece-nos uma descrição atenta, pictórica e sensorial de uma experiência de viagem, utilizando com frequência uma linguagem poética e impressionista. A autora reproduz diálogos imaginários, opina sobre os mais diversos temas, resume lendas e contos populares, e fornece amplas citações de leituras prévias e de notas de outros viajantes. Este relato de uma viagem pelo Extremo Oriente – que estava a tornar-se moda entre a alta sociedade britânica das primeiras décadas do turismo global do século XIX – aborda de forma abrangente os mais variados aspectos sócio-culturais. Embora conscientes de que a literatura de viagens não é sinónimo de etnografia, a análise crítica da escrita de mulheres viajantes como Anna D’Almeida dá-nos uma visão única das práticas sociais, culturais e do quotidiano, de um modo que não está presente nas limitações pedagógicas e paternalistas dos comentários oficiais e das histórias formais.

Os países que Anna visita tornam-se em algo mais do que meras coordenadas espaciais: são o local de relações humanas frequentemente difíceis, entre

“Tokaido Ejiri”. Representação do monte Fuji, perto de Ejiri. Gravura em madeira de Katshushita Kokusai (1760-1849).



LITERATURA

indivíduos diferentes na sua maneira de pensar, por vezes privadas de qualquer tipo de empatia. Esta viagem é levada a cabo e narrada sob um preconceito claramente eurocêntrico, protestante e aristocrata. Acima de tudo, viajar é uma busca pelo prazer visual e, na maior parte das vezes, o nativo é apenas um elemento dispensável da paisagem, que não deve existir senão para deleite do visitante europeu. Podemos citar, a este propósito, Marc Augé, em *Non-Places: Introduction to an Anthropology of Supermodernity*:

*“Space, as frequentation of places rather than a place, stems in effect from a double movement: the traveller’s movement, of course, but also a parallel movement of the landscapes which he catches only in partial glimpses, a series of ‘snapshots’ piled hurriedly into his memory and, literally, recomposed in the account he gives of them [...] we should still remember that there are spaces in which the individual feels himself to be a spectator without paying much attention to the spectacle. As if the position of spectator were the essence of the spectacle, as if basically the spectator in the position of a spectator were his own spectacle.”*³³

A narrativa de Anna constitui também uma representação das impressões parciais obtidas a partir da sua vivência e memória selectiva do ‘oriental’, com particular ênfase na sua condição de espectadora, alguém que realmente ‘esteve lá’ e ‘viu com os seus próprios olhos’. Os critérios que presidem tacitamente a esta representação de diferentes países, culturas e sociedades lançam luz sobre a posição da autora na sua própria cultura e sociedade. No caso da narrativa

de Anna, contudo, os critérios (e estereótipos) de classe, raça, etnia e religião são muito mais relevantes do que as questões de género, em contradição com as expectativas criadas pelo título, dedicatória e prefácio de *A Lady’s Visit*. Em relação às questões de género, Anna argumenta que, em países ‘civilizados’, homens e mulheres devem ser considerados como companheiros. As ‘outras’ mulheres que conhece no decurso da sua viagem pela Ásia são meras vítimas dos elementos masculinos de uma sociedade ‘incivilizada’, que devem ser lamentadas dentro de um espírito de filantropia universal. Para Anna, as mulheres asiáticas são como espelhos invertidos do seu próprio estatuto de independência e modernidade, prova de que a ideologia imperial moldou também a ideologia de género. No discurso da autora, as mulheres e os nativos são, respectivamente, vítimas de hábitos culturais e de métodos de civilização errados, situação que requer o auxílio e a compreensão do agente imperial civilizado e progressivo (e protestante). Para obterem o estatuto de ‘civilizados’, os países colonizados devem adoptar sem reservas os benefícios da indústria, renunciar aos ídolos homólogos do paganismo e do catolicismo e mostrar deferência incondicional para com os turistas, que funcionam também como embaixadores temporários do imperialismo político-cultural. Em suma, *A Lady’s Visit To Manilla and Japan* é uma vívida descrição na primeira pessoa de uma viagem que foi levada a cabo tanto por lazer como por sede de experiência e conhecimento, através da casa global que era o Império Britânico, durante a segunda metade do século XIX. **RC**

NOTAS

- 1 Anna D’A, *A Lady’s Visit to Manilla and Japan*. Londres: Hurst and Blacket, 1863. Encadernação em tecido vermelho, litografia colorida no frontispício (Nagasáqui), 297 pp. Todas as referências à obra são provenientes desta edição.
- 2 Chitoshi Yanaga, *Japan since Perry*, pp. 25-26.
- 3 Embora as cartas sobre o Japão escritas pelo missionário português Francisco Xavier em meados do século XVI fossem conhecidas em Inglaterra, é de duvidar que estes escritos católicos fossem uma leitura popular entre as mulheres da alta sociedade vitoriana, numa Inglaterra fortemente protestante.
- 4 Em 1862 – ano da visita de Anna D’Almeida – houve, pela primeira vez, uma secção própria para o Japão na Exposição Internacional de Londres. A Exposição Universal de 1867, em Paris, marcou uma mudança importante no comércio com o Japão e, pela primeira vez, este país participou de forma independente. Motivos japoneses, como

- leques, biombos, sombrinhas e quimonos, multiplicaram-se a partir da década de 1860. O entusiasmo pelo japonês era tal, que toda a dama da sociedade tinha o seu ‘salão japonês’, e os recém-criados grandes armazéns incluíam uma secção japonesa nos seus catálogos (ver Asa Briggs, *Victorian Things*, p. 278). No entanto, D’Almeida fica surpreendida ao constatar que, em Yokohama, todas as casas europeias estavam rodeadas de paliçadas de madeira “*which, in case of any sudden attack, serve as a temporary defence*” [234], contradizendo de alguma maneira a imagem deste paraíso pacífico e amigável.
- 5 Sinceros agradecimentos a Magdalena Gorrell Guimaraens, pela minuciosa pesquisa genealógica com que contribuiu para este artigo.
- 6 Fontes: 1871 England Census; British Army Records of Birth; 1851 England Census; Anchorage Withner Tree; Great Western Railway Shareholders 1835-1910 Records, vol. 9, folio 166, entry 9565.
- 7 Anchorage Withner Tree; 1871, 1881, 1891 England Census.

LITERATURE

- 8 Fontes: GRO record: D'Almeida William Barrington, Henley, vol. 3a, p. 686a; Anchorage Withner Tree; 1871, 1881, 1891, 1901 England Census; GRO record: D'Almeida Lilian Augusta, Bath, vol. 5c, p. 233; GRO record: D'Almeida Marmion, Kingston, vol. 2a, p. 233.
- 9 Fontes: Anchorage Withner Tree; GRO record: D'Almeida Anna H., age 25, Kingston, vol. 2a, p. 154; 1871 England Census; 1881 England Census; GRO Record: D'Almeida William Barrington, St. Giles, vol. 1b, p. 997; 1891 England Census; GRO record: D'Almeida William B., age 56, Chelsea, vol. 1a, p. 285; GRO record: D'Almeida Rose Anna G., Kensington, vol. 2a, p. 233.
- 10 Ainda que fosse comum para as mulheres viajantes vitorianas ilustrar os seus escritos com esboços e fotografias que elas próprias criavam ou encomendavam. Utilizo aqui o termo "vitoriano" não só para fazer referência ao reinado da rainha Vitória (1837-1901) mas também para descrever determinados valores e crenças que foram cristalizados naquele período.
- 11 A subordinação estrutural das mulheres reflectida na cena literária é evidente na auto e hetero-depreciação das mulheres enquanto autoras ou 'detentores de autoridade'. Uma das linhas de pensamento mais comuns, que reflecte tanto esta subserviência como o medo de ser diferente, é o temor de parecer ridícula, que a jovem viajante portuguesa Isabel Tamagnini também expressa no seu *Diário de Uma Viagem a Timor*: "Estive em dúvida se havia de pôr isto aqui receando que por um acaso pudesse alguém ler estas linhas e dizer lá de si para si, olha como ella é tola! Mas como tenho quasi a certeza que isto não há-de acontecer e como só faço este jornal para mais tarde me divertir a lê-lo às minhas primas e íntimas amigas, a quem prometti contar tudo, tudo o que se passasse durante a minha viagem, resolvi-me a contar aqui este notabilíssimo acontecimento" (Isabel Pinto da França Tamagnini, *Diário de uma Viagem a Timor (1882-1883)*, p. 48). Como este diário está destinado a não ser mais do que um "divertimento" trivial, a partilhar com um restrito público feminino e familiar, Isabel Tamagnini é salvaguardada do ridículo inerente à mulher-autora. Ao admitir que as suas ambições literárias não se estendem para lá da esfera doméstica, Tamagnini justifica e absolve um texto que permanece francamente contido dentro dos limites que estavam estabelecidos para as mulheres.
- 12 Orvar Löfgren, *On Holiday. A History of Vacationing*, p. 100.
- 13 Anna faz um comentário semelhante sobre o governo espanhol das Filipinas: "The indolence of the natives, who are naturally very inactive and lethargic, and being governed by a people not by any means energetic themselves, there is nothing to spur them on to a greater state of activity". [73]
- 14 Joaquim (1811-1890), pai de William, nasceu em Macau, viveu em Singapura e morreu em Londres. Embora não existam datas para o seu tio José (residente em Singapura e provavelmente também nascido em Macau), em 1861 as suas seis filhas viviam em Inglaterra com o tio e tia maternos, Reverendo Benjamin Lucas e Harriet Watson. Quanto ao seu tio António, também nascido em Macau e residente em Singapura, a sua filha Matria Petronella casou com Paul Felloes de Singapura e foram viver para Portland, Oregon, E.U.A. O seu filho Edgar, que também nasceu em Singapura, casou com a filha de Anna e William, Lillian, em Chicago, Illinois, e foram viver para o Oregon e, posteriormente, para a Califórnia.
- 15 J. Adler, "Origins of Sightseeing". *Annals of Tourism Research*, 16 (1989), pp. 7 e 22.
- 16 J. Crary, *Techniques of the Observer*, p. 9.
- 17 Ver: Chris Rojek, John Urry (eds.), *Touring Cultures: Transformations of Travel and Theory*, pp. 178-180.
- 18 Roderick Nash, *Wilderness and the American Mind*, p. 92.
- 19 Ver: Alain de Botton, *A Arte de Viajar*, p. 99.
- 20 Zigmunt Bauman, *Postmodern Ethics*, p. 24.
- 21 Prática semelhante é realizada ainda hoje, na histórica zona ribeirinha do Porto, Portugal. Os turistas estrangeiros atiram moedas às águas poluídas do rio Douro, para que os rapazes mais pobres do local mergulhem atrás delas.
- 22 Ver: Stuart Hall, "The Spectacle of the 'Other'". *Representation. Cultural Representations and Signifying Practices*, pp. 223-279.
- 23 Os tópicos da jovem mulher desprotegida, exposta à sedução dos homens da alta sociedade, da prostituta arrependida, ou da mãe solteira abandonada, prevalecem nos romances da escritora vitoriana Elizabeth Gaskell, *Mary Barton* (1848) e *Ruth* (1853). Gaskell sabe que a prática da caridade é a única forma de acção política aberta às mulheres do seu tempo. Numa tentativa de justificar a sua actividade literária, Gaskell afirma que escreve: "to give utterance to the agony [...] of suffering without the sympathy of the happy" (Kathleen Tillotson, *Novels of the Eighteen-forties*, p. 205). No exercício da sua escrita solidária para com as 'mulheres caídas', Gaskell dá voz ao eterno conflito entre a natureza humana e as regras sociais, que acabam sempre por vencer.
- 24 Ver: Seija Jalagin, "Gendered Images: Western Women on Japanese Women", in Kari Alenius, Olavi Fält and Seija Jalagin (eds.), *Looking at the Other: Historical study of images in theory and practise*. <http://herkules oulu.fi/isbn9514266331/html/index.html> (5/12/2008); Rotem Kowner, "Lighter than Yellow, but not Enough: Western Discourse on the Japanese 'Race', 1854-1904", in *The Historical Journal*, vol. 43, n.º 1 (March 2000), pp. 103-131.
- 25 Sara Mills, *Discourses of Difference: An Analysis of Women's Travel Writing and Colonialism*, p. 34.
- 26 Tal como a americana Margaret Ballagh (no Japão); a britânica Priscilla Winter (na Índia); as australianas Rose Bachlor (na Índia), Amy Oxley (na China) e Alice Phillips (na Pérsia). Também as australianas Annie Gordon e Nellie e Topsy Saunders, que morreram num massacre de missionários anglicanos em Huashan, província de Fujian, China, em 1895. Ver, por exemplo, Davin, Delia. "British Women Missionaries in Nineteenth-century China", *Women's History Review*, vol. 1, n.º 2 (1992). De um modo geral, os missionários protestantes tendiam a enfatizar o trabalho missionário das mulheres em culturas que separavam rigorosamente a esfera feminina da masculina, nomeadamente na China, Índia, Japão e países islâmicos. Nestes países, as mulheres eram vistas como a figura crucial dentro da família. Converter a esposa e a mãe promoveria a conversão da família e, em última instância, de toda a nação.
- 27 Barbara Ramusack, "Cultural Missionaries, Maternal Imperialists, Feminists Allies. British Women Activists in India, 1865-1945", in Nupur Chaudhuri and Margaret Strobel (eds.), *Western Women and Imperialism. Complicity and Resistance*. Bloomington: Indiana University Press, 1992.
- 28 Este tipo de noção desumanizante do 'outro', enquanto mera curiosidade animal, produziu fenómenos como o da triste história da 'Venus Hotentote', que morreu em 1815.
- 29 A maioria dos viajantes ocidentais no Japão dos finais da era Tokugawa (1859-67) e Meiji (1868-1912) era proveniente da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos. Cerca de 60% dos visitantes antes de 1918 provinham destes países.
- 30 George W. Knox, *Imperial Japan: the Country and its People*, pp. 7-8.
- 31 O mesmo tinha já acontecido em Xangai, onde as actividades diárias do 'outro' são reduzidas a uma escala infantil e observadas como uma atracção turística: "We used to amuse ourselves sometimes by watching the progress of this building, which they seemed to pile up as a child raises a house of cards" [142].
- 32 O mesmo comentário aplica-se ao caso dos rebeldes Tae-Ping na China: "As, under such circumstances, we [europeus] could not look on and remain inactive, the allied armies have taken up arms in the cause, and have already taught these rebels some salutary lessons, with great loss to them and comparatively little to the Europeans" [168].
- 33 Marc Augé, *Non-Places: Introduction to an Anthropology of Supermodernity*, p. 86.

LITERATURA

BIBLIOGRAFIA

- Adler, J. "Origins of Sightseeing". *Annals of Tourism Research*, 16 (1989).
- Almeida, Anna D'. *A Lady's Visit to Manila and Japan*. Londres: Hurst and Blacket, 1863.
- Anchorage Witner Tree. *Public Genealogical Record*, online: <http://www.ancestry.com>.
- Appleton, Jay. *The Experience of Landscape*. Chichester: John Wiley, 1996.
- Augé, Marc. *Non-Places: Introduction to an Anthropology of Supermodernity*, trad. John Howe. Londres e Nova Iorque: Verso, 1995.
- Bauman, Zigmunt. *Postmodern Ethics*. Oxford. Blackwell, 1993.
- Botton, Alain de. *A Arte de Viajar*, trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: D. Quixote, 2006 [2002].
- Briggs, Asa. *Victorian Things*. Londres: B. T. Batsford, 1988.
- British Government Record Office. *England Census 1851, 1861, 1871, 1881, 1891, 1901*, online: <http://ancestry.com>.
- Burns, Peter. *An Introduction to Tourism and Anthropology*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2002.
- Chambers, Erve (ed.). *Tourism and Culture: An Applied Perspective*. Nova Iorque: State University of Nova Iorque, 1997.
- Crary, J. *Techniques of the Observer*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1990.
- Davin, Delia. "British Women Missionaries in Nineteenth-century China". *Women's History Review*, vol. 1, n.º 2 (1992).
- Freebmd. *Birth, Marriage and Death Record Indexes for the United Kingdom*, <http://www.freebmd.com>.
- Hall, Stuart (ed.). *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. Londres: Sage, 1997.
- Hirsch, Eric; O'Hanlon, Michael (eds.). *The Anthropology of Landscape: Perspectives on Place and Space*. Oxford: Clarendon Press, 1995.
- International Genealogical Index. Salt Lake City, USA: <http://familysearch.com>.
- Jalagin, Seija. "Gendered Images: Western Women on Japanese Women", *Looking at the Other: Historical Study of Images in Theory and Practice*, edited by Kari Alenius, Olavi Fält and Seija Jalagin. Oulun Yliopisto: Oulu University Library, 2002. On-line: <http://herkules oulu.fi/isbn9514266331/html/index.html> (5 December 2008).
- Knox, George William. *Imperial Japan: the Country and its People*. Nova Iorque: 1904.
- Kowner, Rotem. "Lighter than Yellow, but not Enough': Western Discourse on the Japanese 'Race', 1854-1904", *The Historical Journal*, vol. 43, n.º 1 (March 2000), pp. 103-131.
- Löfgren, Orvar. *On Holiday. A History of Vacationing*. Berkeley: University of California Press, 2002.
- MacCannell, Dean. *The Tourist: A New Theory of the Leisure Class*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1999.
- Mills, Sara. *Discourses of Difference: An Analysis of Women's Travel Writing and Colonialism*. Londres: Routledge, 1991.
- Nash, Roderick. *Wilderness and the American Mind*. New Haven: Yale University Press, 1967.
- Ong, Aiwah. "Colonialism and Modernity: Feminist Representations of Women in Non-Western Societies", *Inscriptions*, n.º 3-4 (1988), pp. 86-95.
- Pallots Marriage Index. Online: <http://ancestry.com>.
- Ramusack, Barbara. "Cultural Missionaries, Maternal Imperialists, Feminists Allies. British Women Activists in India, 1865-1945". In: Chaudhuri, Nupur e Strobel, Margaret (eds.), *Western Women and Imperialism. Complicity and Resistance*. Bloomington: Indiana University Press, 1992.
- Rojek, Chris; Urry, John (eds.). *Touring Cultures: Transformations of Travel and Theory*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2002.
- Said, Edward. *Orientalismo: Representações Ocidentais do Oriente*, trad. Pedro Serras. Lisboa: Livros Cotovia, 2004 [1978].
- Sterry, Lorraine. "Constructs of Meiji Japan: the role of writing by Victorian women travellers", *Japanese Studies*, 23:2 (2003), pp. 167-183.
- Tamagnini, Isabel Pinto da França. *Diário de Uma Viagem a Timor (1882-1883)*. Lisboa: CEPESA, 2002.
- Tillotson, Kathleen. *Novels of the Eighteen-forties*. Oxford: Clarendon Press, 1971.
- Tuan, Yi-Fu. *Topophilia: A Study of Environmental Perception, Attitudes and Values*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1990 [1974].
- Yanaga, Chitoshi. *Japan since Perry*. Hamden: Connecticut, Archon, 1966.